

Cultura árabe nas páginas da imprensa uspiana – em homenagem a Aida Hanania

Roberto C. G. Castro¹

Resumo: Este artigo apresenta algumas reportagens publicadas no *Jornal da USP*, jornal da Universidade de São Paulo (USP), relacionadas ao trabalho da pesquisadora brasileira Aida Ramezá Hanania, pioneira nos estudos árabes no Brasil.

Palavras Chave: Aida Ramezá Hanania – Cultura Árabe – *Jornal da Usp*.

Abstract: This article presents some reports published in *Jornal da USP*, the newspaper of University of São Paulo (USP), in Brazil, related to the work of brazilian researcher Aida Ramezá Hanania, pioneer on arab studies in that country.

Keywords: Aida Ramezá Hanania – Arab Culture – *Jornal da Usp*.

Introdução

Como assistente do célebre professor Helmi Nasr – introdutor dos estudos árabes no Brasil – e uma das fundadoras do curso de Língua e Literatura Árabe da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), a professora Aida Ramezá Hanania foi pioneira na difusão da cultura árabe no país. Ao longo de mais de cinco décadas de pesquisas, ela tem se dedicado a explorar e a divulgar aspectos do teatro, da poesia, da filosofia, da história e da linguagem de origem árabe. Com isso, seu trabalho constitui um dos mais importantes instrumentos para o conhecimento da imensa riqueza e diversidade da civilização árabe e de seu legado para a humanidade.

Esse trabalho de Aida está refletido nas páginas do *Jornal da USP*, órgão de comunicação que tem já uma longa história dedicada à divulgação da ciência, da arte e da cultura produzidas na Universidade de São Paulo. Criado em 1985, ele foi publicado semanalmente durante 30 anos em sua tradicional versão impressa. A partir de 2016, passou a ser um jornal diário e – seguindo uma tendência da imprensa mundial – abandonou o suporte em papel, transformando-se numa publicação exclusivamente eletrônica, acessível gratuitamente através da internet, no endereço www.jornal.usp.br.

Entre os inúmeros temas abordados no *Jornal da USP* ao longo de sua história, destaca-se a cultura árabe. E, quando se trata desse tema, as referências à professora Aida Ramezá Hanania são inevitáveis, como mostra uma rápida recapitulação sobre o que foi publicado nos últimos anos naquele jornal sobre cultura árabe. É o que faremos a seguir.

¹ Doutor e pós-doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), jornalista e subeditor de Cultura do *Jornal da USP* (www.jornal.usp.br).

Traduções dos pensadores Algazali e Averróes

Começamos pela matéria intitulada “Contribuições do Oriente para a cultura”, publicada na edição número 1.022 do *Jornal da USP*, de 17 a 23 de fevereiro de 2014², ainda na fase do jornal impresso. A matéria destacou o lançamento da revista *Notandum*, publicada pelo Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Cemoroc) da Faculdade de Educação da USP, do qual Aida também é uma das fundadoras. Essa revista – uma edição especial, de número 35/36 – trouxe a tradução, direta do original em árabe feita por Aida Hanania, de textos de dois grandes pensadores árabes medievais, Algazali (1058-1111) e Averróes (1126-1198). “Existem ainda muito preconceito e desinformação, no Ocidente, a respeito do mundo árabe. Traduzir para o português as grandes obras da literatura oriental é uma ótima maneira de combater esse problema e mostrar a grande contribuição dos povos de língua árabe para a civilização”, disse a professora durante o lançamento da revista, realizado em São Paulo, de acordo com a matéria.

De Algazali – pensador místico nascido na Pérsia –, a revista publicou cem máximas de sabedoria, que, como escreve Aida no texto introdutório à sua tradução, representam uma autêntica expressão da alma islâmica. “Em vez de longos e articulados discursos, a língua árabe (o pensamento árabe) expressa-se de modo muito mais natural e autêntico por rápidas sentenças de caráter incisivo, que atingem o íntimo do interlocutor por condensarem séculos (ou milênios) de uma sabedoria mais do que humana”, assinala a professora.

Exemplo disso é esta máxima de Algazali contra a erudição vã, publicada em *Notandum*: “Disse o Profeta: ‘O pior suplício no dia da Ressurreição será o do estudioso que não aproveitou seu saber diante de Deus’”. Outra máxima de Algazali que preserva o profundo sentido da tradição árabe é esta: “Não reconheças a verdade na boca das pessoas; antes, reconhece a verdade. E assim poderás reconhecer quem diz a verdade”.

Também de Algazali, Aida traduziu e publicou em *Notandum* trechos do *Ayyuha al-Walad (Ó Filho)*, que o pensador árabe escreveu no fim da vida e resume suas conclusões sobre o sentido da religião. Para Algazali, o sentido profundo da religião encontra-se na prática das boas obras, como ele mesmo afirma em *Ó Filho*: “Não sejas desprovido de atos virtuosos nem de graças espirituais. E podes estar certo de que a ciência, por si só, não é de nenhuma valia. Eis aqui um exemplo: suponha um homem no deserto, portando dez sabres indianos e ainda outras armas, que seja bravo e combativo e que um leão terrível venha atacá-lo. Acreditas que estas armas afastariam o perigo, se ele não se utilizasse delas para atingir o leão? E certamente o mesmo ocorre com o erudito que estuda cem mil problemas e os guarda de cor, sem tirar proveito em suas ações”.

Já de Averróes, *Notandum* publica trechos da tradução feita por Aida do *Discurso Decisivo (Fasl al-maqal)*. Nele, o filósofo expõe suas ideias a respeito das relações entre a ciência e a fé, entre a revelação e a filosofia. Composto na forma de uma *fatwa* – um parecer legal sobre uma questão ligada à religião –, o *Discurso Decisivo* busca demonstrar que, assim como não há contradição entre Deus e a razão, também não há contradição entre a religião e a filosofia. Para Averróes, filosofia e religião são duas dimensões do saber e, por isso, ambas necessitam uma da outra para o conhecimento da verdade.

Averróes recorre a vários trechos do *Alcorão* para justificar a atividade dos crentes que se dedicam à filosofia. Para ele, o versículo 185 do capítulo 7 – “E não olharam para o reino dos céus e da terra e para todas as coisas que Deus criou?” –

² Disponível em <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=34250>.

“induz claramente ao exame racional de todos os seres existentes”. Entre os homens que o Altíssimo distinguiu com a capacidade de filosofar, diz Averróes, está o próprio patriarca Abraão, como se depreende do seguinte versículo: “E assim fizemos ver a Abraão o reino dos céus e da terra” (capítulo 6, versículo 75). “E se está estabelecido que a lei torna obrigatório o exame dos seres existentes por meio da razão e da reflexão sobre eles e que a reflexão não é mais do que dedução, a extração do desconhecido a partir do que é conhecido – aquilo em que consiste o silogismo ou que se opera pelo silogismo –, então temos obrigação de recorrer ao silogismo racional para o exame dos entes”, defende Averróes – nome latino de Ibn Rushd, que nasceu em Córdoba, na Espanha muçulmana.

O autor do *Discurso* vai ainda mais longe. Ele pretende mostrar também a importância do estudo das obras dos pensadores “antigos” – numa clara referência à filosofia grega. Para ele, se homens do passado já investigaram a verdade, é claro que se deve recorrer a seus escritos, ainda que eles não sigam a religião muçulmana. “Se tudo aquilo de que se tem necessidade para o estudo dos silogismos racionais foi realizado da melhor maneira pelos antigos, então, por certo, é preciso que avidamente tomemos em mãos seus livros, a fim de verificar tudo o que disseram a respeito”, escreve Averróes. “Se tudo for justo, aceitaremos; e, se se encontra algo que não seja justo, nós o indicaremos.”

Poesia pré-islâmica

Outra matéria publicada no *Jornal da USP* que destacou o trabalho de Aida Hanania é mais antiga: foi publicada em novembro de 2008, com o título “A variada exuberância da cultura islâmica”³. Ela destaca o artigo da professora intitulado “O patrimônio literário pré-islâmico e sua repercussão na cultura árabe”, publicado no livro *O Islã clássico – Itinerários de uma cultura*. Organizado por Rosalie Helena de Souza Pereira e lançado pela Editora Perspectiva, a obra tem 870 páginas e traz 22 artigos de vários especialistas, que abordam diferentes aspectos da cultura árabe, desde literatura, teologia e filosofia até direito, ciência e política.

Em seu brilhante artigo, Aida destaca a poesia árabe pré-islâmica. Ela começa lembrando que, embora profundamente moldada pelo Islã – religião fundada no século 7 pelo profeta Muhammad –, a cultura árabe ostenta marcas de suas raízes pré-islâmicas, preservadas nas poesias compostas durante a *Jahiliyya*, o “tempo da ignorância e da indisciplina”, como é chamada a época anterior ao advento do islamismo. “No que concerne ao mundo árabe, não se pode falar de cultura em sentido amplo, tampouco analisar os traços mais genuínos da tradição árabe, sem remontar aos textos pré-islâmicos, primeira e única fonte de sua vida social e espiritual mais antiga”, escreve Aida.

No artigo, ela ressalta que a Península Arábica, isolada, inóspita e desértica, abrigou um povo que permaneceu estritamente dentro de seus limites geográficos. Era formado por nômades simples e rudes, que erravam pelos desertos do norte e da região central da Arábia. De formação tribal, exercia atividades pastoris e se amparava no credo politeísta e idólatra. “Num mundo estruturado pela solidão, pelo vazio e pelo silêncio que eloquentemente o povoa, num mundo privado de emoção telúrica e que tem como constantes a aridez, a invisibilidade e a monótona sucessão do tempo, o homem volta-se inapelavelmente a si mesmo e a seu meio, perscrutando-o e revelando-o poeticamente, em filigrana, fazendo emergir, a um tempo, o particular e sua ligação com o universal”, escreve Aida, explicando as mais profundas origens da poesia pré-islâmica.

³ Disponível em <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=388>.

Esses valores estão expressos no poema *Khutba*, de Quss Ibn Saida, orador e poeta do século 6, em que ele convida os membros de sua tribo, Iyad, a ler a mensagem escrita na natureza e nos homens. Na tradução de Helmi Nasr, que Aida utiliza em seu artigo, o poema soa assim:

*Ó gente! Ouvi e meditai!
É certo que quem vive morre
E quem morre finda
E o que tiver que ser será.
(Contemplai) a noite escura
O dia sereno
O céu, com suas constelações!
E estrelas, que brilham
E mares, que se agitam
Montanhas assentadas
A terra, que se estende
Rios que correm
Não vedes que no céu há notícias
E na terra, sinais?
Por que será que os que se foram não voltam?
(...)
Neste ir-se das antigas gerações, há para nós luz interior
Quando vi ondas de morte chegando, sem que saibamos de onde
procedem
E vi meu povo ser por elas tragado, tanto os pequenos como os
grandes!
E vi que não volta o passado, nem retorna quem se foi
Então me convenci de que também eu irei para onde meu povo está.*

Na realidade, o livro *O Islã clássico – Itinerários de uma cultura* representa um marco na pesquisa sobre a cultura árabe e islâmica no Brasil e pode ser visto como uma confirmação e consolidação do trabalho de divulgação dessa cultura iniciado por Helmi Nasr e Aida Hanania. Como demonstra essa obra, a civilização islâmica – uma das mais exuberantes culturas erguidas durante o primeiro milênio – legou à humanidade valiosas conquistas em vários ramos do saber – obtidas principalmente durante o califado dos abássidas (750-1055), que tinha sede em Bagdá. Na medicina, por exemplo, os sábios muçulmanos – entre eles Avicena (939-1037) – escreveram centenas de tratados, em que sistematizaram todo o conhecimento médico produzido até então. Al-Kindi (801-873) compôs mais de 250 trabalhos sobre física, química, psicologia e filosofia, entre outras áreas. A álgebra é uma ciência tipicamente árabe, criada por Al-Khwarizmi (780-850) na Casa da Sabedoria (Bayt al-Hikma), uma efervescente universidade fundada pelo califa Al-Ma’amun (813-833). Traduções e comentários das obras de Platão e Aristóteles, feitas pelos eruditos muçulmanos da época, foram responsáveis em boa medida pela preservação da filosofia grega durante a Idade Média.

Com todo esse esplendor científico – e as possibilidades de reflexão e de inspiração que ele oferece –, a cultura árabe permanece, porém, praticamente desconhecida no Ocidente, que ainda parece ver no Oriente muçulmano somente exemplos de radicalismos e intolerância. “Que se pense na Baixa Idade Média e no intenso diálogo de Santo Tomás de Aquino com os filósofos árabes Avicena e Averróis, para nos darmos conta da urgência dessa reflexão retardatária entre nós, uma

vez que nem sequer os departamentos de Filosofia, em que se estuda a filosofia medieval, apresentam uma disciplina voltada para a contribuição islâmica”, afirma, no prefácio do livro, a professora Olgária Matos, do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

Memórias de Helmi Nasr

Numa edição do *Jornal da USP* datada de agosto de 2012, Aida Hanania publicou um artigo de próprio punho⁴, escrito em parceria com o medievalista Jean Lauand, professor da Faculdade de Educação da USP. O objetivo do artigo era celebrar duas datas em torno de um mesmo personagem: o professor Helmi Nasr, que na ocasião comemorava 90 anos de vida e 50 anos de fundação do Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.

Nesse artigo – “Helmi Nasr e os estudos árabes no Brasil” –, Aida e Lauand relembram a introdução do curso de Língua, Literatura e Cultura Árabe na USP, por iniciativa do egípcio Helmi Nasr. “Quem considera as dificuldades e delongas para a contratação de professores na USP ficará assombrado com o modo como foi criada a Seção de Estudos Orientais, em 1962, inicialmente instalada junto ao curso de História, sob a direção do grandioso Eurípedes Simões de Paula”, escrevem os autores, que citam literalmente as memórias de Helmi Nasr.

“Jânio Quadros, quando assumiu a Presidência, foi visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que, então, gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros”, lembra Nasr. “Voltando ao País, cheio de admiração por esses estadistas, decidi criar, no Brasil, estudos orientais e pedi à USP que criasse esses cursos. A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos – Árabe, Hebraico, Russo, Chinês, Japonês, Armênio e Sânscrito – e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Ora, nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países e, para sorte minha – este é um país maravilhoso –, só o Egito respondeu afirmativamente. O presidente Nasser, em atenção a Jânio Quadros, empenhou-se pessoalmente para que a Universidade designasse também um professor para o Brasil e, como disse, esse não era um problema de fácil solução. Como não houvesse resposta por parte da Universidade, uma semana depois, o presidente Nasser tornou a exigir uma solução rápida para o caso. Daí a 11 dias, veja só, chegava eu ao Brasil! O primeiro projeto previa a permanência de um ano como professor visitante, mas, quando o pedido chegou ao ministro da Educação, ele ponderou que só um ano para o Brasil era muito pouco e propôs dois anos. Enfim, cheguei aqui com muito entusiasmo e, no dia seguinte, já me encontrava na faculdade com seu diretor, o saudoso Mário Guimarães Ferri, que me recebeu muito bem, e logo disse a ele: ‘Eu quero começar’. Veja bem, eu cheguei no dia 1º de maio de 1962 e o curso principiou em setembro, como curso livre. E comecei a dar aulas sozinho nos três períodos: manhã, tarde e noite. Em 1963, teve início o curso regular: com uma aluna! O governo egípcio interessou-se pela minha permanência no Brasil e, sem me consultar, custeou a prorrogação de meu contrato por mais dois anos, depois por outros dois e, assim, por oito anos. Estive sozinho durante os primeiros sete anos” (a entrevista de Helmi Nasr está disponível na íntegra no endereço www.hottopos.com/collat6/nasr.htm).

“E assim, graças ao empenho de Nasser e Nasr, São Paulo finalmente ganhou um espaço acadêmico, de excelência, à altura de sua colônia árabe. Nasr foi a “missão árabe” para a USP: um jovem professor, sozinho, devotando-se, a partir do árabe, a

⁴ Disponível em <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=24378>.

estabelecer a abertura para a totalidade do humano, que é, afinal, a própria essência da universitas”, afirmam Aida e Lauand.

No início dos anos 90, sob a orientação de Nasr, Aida e Lauand lançaram um ambicioso projeto editorial, que contou com colaboradores do porte de Roshdi Rashed, Cruz Hernández, Hassan Massoudy e Evanildo Bechara. Esse projeto deu origem à *Revista de Estudos Árabes*, à revista *Collatio* – publicada em parceria com a Universidad Autónoma de Madrid, na Espanha – e à Coleção Oriente e Ocidente, uma série de dez livros com artigos sobre variados aspectos da cultura árabe.

Na mesma época, Nasr – também com a colaboração de Aida e Lauand – se empenhou em outra árdua missão: a criação, na USP, do curso de pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe. Em 1992 ele se aposentou, mas mesmo assim continuou dando aulas voluntariamente nesse curso. Outros notáveis trabalhos de Nasr foram a publicação de um pioneiro *Dicionário Árabe-Português*, a tradução para o árabe de *Novo mundo nos trópicos*, de Gilberto Freyre, e a monumental tradução, única em língua portuguesa feita diretamente do árabe, do *Alcorão*, com preciosas notas de sua autoria. “Esse trabalho, entre tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial, em Meca, durou 22 anos e foi finalmente publicado em 2005, pelo Complexo do Rei Fahd, a instância mais oficial do Islã”, informam Aida e Lauand no artigo.

Para esses autores, Helmi Nasr cumpriu uma profecia do *Alcorão*: aquela em que Allah confia aos árabes a missão de serem “povo do meio”, mediadores entre Oriente e Ocidente. “Como se sabe, as palavras árabes tendem a acumular significados que, em outras línguas, são cobertos por diversas palavras distintas”, escrevem Aida e Lauand. “Cabe aqui considerar duas delas. *Salam* (ou melhor, o radical *s-l-m*), que se costuma traduzir por paz, significa também unidade, integridade (física ou moral; *Salym* é o íntegro); é o mesmo *s-l-m* de *islam*, aceitação (da vontade de Deus). E *taríq*, que não significa só caminho, mas também jeito, modo pessoal de cada um fazer as coisas, o que facilmente se compreende, pois no deserto não há estradas delineadas, cada um busca fazer o seu caminho.” Para os autores, tudo isso se aplica à vocação de Helmi Nasr, que desde jovem assumiu essa missão mediadora no Brasil: abrir no deserto caminhos que hoje podem ser trilhados por muitos, que talvez nem se lembrem de que a ele devem as facilidades que encontram agora prontas. “Sua carreira foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seletivo grupo (21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial. Em plena atividade aos 90 anos, Helmi Nasr continua sua profética missão de mediação, abrindo caminhos ao andar, em missão de integração, paz, união: *islam, salam*.”

A despedida do sábio egípcio

Na edição 1.069 do *Jornal da USP*, datada de 22 a 28 de junho de 2015, a professora Aida voltou a ser notícia. É que, na matéria intitulada “De volta ao Cairo”⁵, o jornal anunciou o lançamento do livro *O diplomata da língua e cultura árabes – Estudos em homenagem a Helmi Nasr*, organizado por Aida Hanania e Jean Lauand. Na ocasião, o mestre da língua e cultura árabes da USP estava em fase de despedida do Brasil. Ele acabava de anunciar seu retorno definitivo para o Egito, de onde saíra há mais de 50 anos para lecionar na Universidade.

A trajetória de Nasr está contada no livro. O professor egípcio chegou ao Brasil em 1º de maio de 1962 e foi recebido pelo diretor da então chamada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP, professor Mário Guimarães Ferri. Em

⁵ Disponível em <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=42727>.

setembro, eram iniciados os primeiros cursos livres, ministrados nos três períodos (manhã, tarde e noite). “Para mim, foi muito bom, porque gosto muito do Brasil e de seu povo, que tem características semelhantes ao povo do Oriente, além do fato de que há uma numerosa colônia árabe no Brasil. Essa colônia, em geral, ocupa uma boa posição econômico-social, mas necessita também, ao lado dessa posição privilegiada, de uma posição intelectual adequada. O curso de Árabe na USP era um núcleo para esse trabalho.”

Numa das entrevistas de Nasr publicadas em *O diplomata da língua e cultura árabes*, o professor aborda o desconhecimento mútuo que ainda persiste entre o Oriente e o Ocidente. “É necessário um trabalho para corrigir os preconceitos e para a divulgação da genuína cultura, das tradições, da história”, diz Nasr, e acrescenta: “Os árabes têm uma tradição importante e valiosa para a história universal: durante oito séculos, lideraram o mundo, o que não se pode contestar. Mas esse fato é, por vezes, ignorado, como se isso não tivesse ocorrido. Fala-se dos gregos, dos romanos, da Europa e passa-se por cima de 800 anos de esplendor árabe, negando injustamente o papel da cultura árabe para o desenvolvimento da civilização europeia. Foram os árabes que transmitiram à Europa toda a cultura das civilizações anteriores a ela: egípcia, grega, indiana, persa... Os árabes assimilaram a cultura desses povos e a transmitiram à Europa: a matemática, a filosofia, a medicina, a geografia etc. Como negar esses fatos?”.

Os valores ocidentais também são discutidos por Nasr no livro. Sobre o caráter cada vez mais laico da sociedade ocidental, diz o sábio árabe: “O Ocidente, embora esteja tão avançado em termos de ciência e tecnologia, minimiza o lado espiritual. Ora, sem a espiritualidade, o progresso material não chega a ser autêntico progresso humano. E a Europa toda e a América do Norte estão esquecidas do espírito e do coração, voltadas somente para um progresso material: a tecnologia, o capital etc. Esquecem-se do coração, da compreensão, de ver o próximo, ao mesmo tempo em que fomentam o materialismo, o consumismo, a violência, em detrimento da religião e da ética, essenciais para a vida”. E completa: “O Ocidente deve voltar-se um pouco para a espiritualidade e, portanto, para o Oriente, para poder desfrutar de um modo humano do progresso material que criou. Sem isso nunca haverá paz”.

Em *O diplomata da língua e cultura árabes*, Aida publica o artigo “O papel da imagem na tradição árabe”, que reproduz a conferência com que obteve o título de Professora Titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, proferida no dia 22 de junho de 1998. No artigo, a professora destaca que a ausência de imagem, profundamente associada à visão e mundo árabe e islâmica, decorre muito naturalmente da concepção teológica central do texto sagrado. “O Alcorão, palavra incriada do Deus único, eixo de todo um ser coletivo e individual, é considerado o signo-fonte da sabedoria, do dever e da beleza”, escreve Aida. “A escrita tornou-se uma das formas mais proeminentes de inserção do signo na realidade e na memória dos homens, fixando a língua que se tornou o veículo da Revelação.”

Essencialista, a arte islâmica levou a extremos a reserva quanto à imagem, quase negando a própria possibilidade de uma arte figurativa, ao menos vendo-a com precaução e desprezo, segundo Aida, lembrando que essa prevenção contra a imagem já permeava os preceitos das grandes religiões monoteístas anteriores ao Islão. “Entre os antigos semitas, a idolatria judaica mereceu o cabal repúdio dos profetas. Erguem-se contra ela incisivos discursos como os de Isaías e de Jeremias”, acrescenta, citando ainda a famosa passagem do capítulo 20 de *Êxodo*, que ordena: “Não farás imagem talhada nem qualquer representação das coisas que estão no céu e na terra ou nas águas sob a terra”.

O mesmo se dá no Islão. No *Alcorão*, a idolatria é enfaticamente condenada. “Será proscrito todo objeto de arte que se torne cultuado”, reza a sura 53. “Já quanto aos *hadiths*, tradições, isto é, compilações que se referem à conduta e à fala do Profeta, verifica-se que em suas declarações está contida a hostilidade à arte em geral e, em particular, à figurativa”, afirma Aida. Verifica-se ainda que a condenação surge com mais veemência contra o artista do que contra a sua obra, conforme um de seus mais reconhecidos aforismos: ‘Os artistas que fazem imagem serão punidos no Dia do Juízo por um julgamento de Deus que lhes determinará a impossível tarefa de ressuscitar suas obras.’”

Nesse sentido, diz Aida, a ausência de imagens nas mesquitas tem dois objetivos: um é o de eliminar a presença que se poderia colocar contra a presença – ainda que invisível – de Deus e que poderia, além disso, tornar-se fonte de engano por causa da imperfeição de todos os símbolos; o outro é a afirmação da transcendência de Deus, considerando que a Divina Essência não pode ser comparada com absolutamente nada.

Já a arte abstrata é a expressão de uma lei e manifesta, tanto quanto possível, a Unidade na multiplicidade. Citando o livro *Sacred art in East and West*, de T. Burckhardt, Aida destaca que “arte, para o muçulmano, é uma prova da divina existência; deve ser bela, sem revelar as marcas de inspiração individualista e subjetiva; sua beleza deve ser impessoal como a beleza do céu estrelado.”

“A arte islâmica deve atingir uma espécie de perfeição que pareça ser independente do autor; seus triunfos e seus fracassos desaparecem diante do caráter universal das formas”, analisa Aida.

Aqui, a caligrafia assume importância vital. Deus está encarnado na letra, a letra e a escrita são o aspecto fenomênico e compreensível de Deus, como afirma V. Flusser, num artigo intitulado “Ex Oriente Lux”.

E Aida acrescenta: “Como corpo da Revelação, a caligrafia ou *khat* é a própria identidade do Islão, exercendo-se como elo entre a natureza e o *Alcorão*, ao plasmar os sinais de Deus em seu duplo sentido: sendo abstrata é, em certa medida, figurativa, visto ser a própria encarnação do Verbo; sendo visível presença da divina palavra, remete ao Invisível (*Ghayb*)”. Compreende-se, assim, conclui a professora, por que os fundamentos do Islã propendem para a arte abstrata, mais precisamente à caligrafia e não para a arte plástica, figurativa (e, do mesmo modo, para a álgebra e não para a geometria).

Conclusão

Como se verifica através dessa rápida recapitulação, as matérias sobre cultura árabe publicadas nos últimos anos no *Jornal da USP* fazem referência às pesquisas de Aida Ramezá Hanania, Isso é um reflexo da dedicação da professora ao estudo desse vasto tema, que, como mostrado nas páginas da publicação da Universidade de São Paulo, contribuiu eficazmente para a ampliação do conhecimento da imensa riqueza cultural árabe no Brasil, para a eliminação de preconceitos e para a aproximação entre Ocidente e Oriente.

Recebido para publicação em 24-02-19; aceito em 17-04-19